

## Mestre Teodoro Freire: afirmação de tradições populares maranhenses na cidade modernista e inspiração para o Encontro de Saberes da UnB

Tamatatua Freire<sup>1</sup>  
Letícia C.R.Vianna<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é uma homenagem póstuma ao Mestre Teodoro Freire, uma referência inspiradora para o Encontro de Saberes, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/INCTI/UnB/CNPq; e para o movimento pela construção da universidade inclusiva, pluriétnica, plurirracial e pluriépistêmica em nosso país. Traz aspectos de sua especial trajetória no território brasileiro, afirmando tradições culturais específicas em contextos metropolitanos. O mestre deixa um legado para família e a comunidade do Boi em Sobradinho, DF; e, também, para o Encontro de Saberes, para a UnB, para Brasília e para o Distrito Federal. A partir da trajetória do mestre, construída em parceria, Tamatatua Freire, filha de Teodoro, completa o artigo com narrativa em primeira pessoa, trazendo sua visão sobre o mestre, seu processo de aprendizagem com ele, do patrimônio imaterial que herda e que realiza como brincante e na experiência concreta como pesquisadora, professora da rede pública de ensino e, também, como mestra do projeto Encontro de Saberes na Universidade de Brasília.

**Palavras-chaves:** Mestre Teodoro Freire, Encontro de Saberes; Sobradinho-DF

### **Mestre Teodoro Freire: affirmation of Maranhão's popular traditions in the modernist city and an inspiration for the Meeting of Knowledges in UnB**

**Abstract:** This article is a posthumous tribute to *Mestre* Teodoro Freire, an inspiring reference for the Meeting of Knowledges, developed by the National Institute of Science and Technology for Inclusion in Higher Education and Research/INCTI/UnB/CNPq; and for the movement for the construction of an inclusive, multiethnic, multiracial and pluriépistemic university in our country. It brings aspects of its special trajectory in the Brazilian territory, affirming specific cultural traditions in metropolitan contexts. The master leaves a legacy for the family and the community of Boi in Sobradinho, DF; and also for the Meeting of Knowledges, for UnB, for Brasília and for the Federal District. From his trajectory, built in partnership, Tamatatua Freire, Teodoro's daughter, completes the article with a first-person narrative, bringing her view on the master, her learning process with him, the intangible heritage that she inherits and that she carries out as a participant and in the concrete experience as a teacher in the public school system and, also, as a teacher of the Encontro de Saberes project at the University of Brasilia.

**Key-words:** **Master:** Teodoro Freire; Meeting of Knowledges; Sobradinho-DF

<sup>1</sup> Graduada em Estudos Sociais - habilitação em História, pós-graduada em História Cultural; professora de História da Secretaria de Estado de Educação do DF; mestra das tradições e artes integradas do Bumba-meu-Boi no Encontro de Saberes/UnB; brincante, cantora, compositora; filha herdeira de Mestre Teodoro.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social; estudiosa em culturas populares e patrimônio cultural; pesquisadora do INCTI/UnB/CNPq.

## **Apresentação**

As expressões e celebrações em torno da brincadeira do Boi que bumba, que dança, celebra e provoca, são de ocorrência bastante frequente no território brasileiro, no tempo e no espaço. Trata-se de um complexo cultural denso e extenso, particular em cada contexto regional e local, revelador de intensa criatividade e dinâmica cultural no país, ao longo da história. Bumba Meu Boi, Boi Bumbá, Burrinha, Cavalo Marinho, Boi de Reis, Boi Pintadinho, Boi de Mamão, dentre outras expressões, são variantes singulares das invenções criativas que atualizam constantemente as tradições da brincadeira do boi em cada lugar<sup>3</sup>. Estes processos criativos são implicados no amplo e intenso trânsito humano, fluxos migratórios e trocas culturais; as quais não se prestam às limitações da geopolítica ou de um dado momento histórico; nem se reduzem às cristalizações formais de dada pesquisa divulgada em dado tempo e espaço. Isto é: não existe uma forma modelar de se brincar o Boi, mas referências que balizam as dinâmicas criativas de cada tradição.

O Boi de Seu Teodoro é uma dessas expressões singulares de um sistema ou linguagem das artes populares integradas às tradições maranhenses do Bumba-meu-Boi, que ocorre no Distrito Federal. Para além das artes e sentidos das celebrações, a história do Bumba Meu Boi de Seu Teodoro contém dimensões muito importantes da história e das configurações culturais no Brasil. Por um lado, observa-se seu protagonismo no Movimento de Defesa do Folclore Brasileiro, como ativista consciente, um realizador, educador, mestre-guardião dos saberes e fundamentos de tradições populares por muito tempo identificadas como folclore. Por outro lado, a história do Boi de Seu Teodoro e as histórias de seus integrantes trazem aspectos de uma história densa, um período marcante do Brasil: a mudança da capital, do Rio de Janeiro para Brasília; e a mudança de um fluxo migratório de maranhenses que foram primeiro para o Rio de Janeiro e, de lá, para a nova capital federal Brasília, recém-inaugurada e ainda por construir.

Teodoro Freire, maranhense brincante do Boi, migrou para o Rio de Janeiro em 1953, e lá fundou seu Boi. Em 1961, a trupe foi convidada para participar dos festejos do primeiro aniversário da nova capital. Teodoro se encantou e resolveu mudar para

<sup>3</sup> Sobre a magnitude das culturas do Boi no Brasil, ver Dossiê de Registo do Complexo Cultural do Bumba-meu-Boi do Maranhão como patrimônio cultural nacional – IPHAN.2011

Brasília em 1962, para fazer a vida o Boi. Foi trabalhar na UnB; primeiro como mão de obra na construção da Faculdade de Educação e, depois, como servidor administrativo. Estabelecido em 1963, traz a família e chama amigos e conterrâneos para também migrarem e se envolverem na consolidação da tradição do Boi; e na construção da nova capital. Formou-se, assim, uma rede e comunidade de conterrâneos brincantes do Boi do Maranhão na condição de peões, trabalhadores/as assalariados/as que formaram contingentes de "candangos/as", que no contexto da sociedade de classes, contrastavam com os/as "pioneiros/as" - migrantes das classes médias e altas do empresariado ou servidoras no alto escalão do governo. O levantamento desta história aponta para as motivações e possibilidade de concretização de investimento pessoal de migrantes assalariados em afirmar identidades ao sustentar práticas tão caras, afetiva e monetariamente, nos ambientes das metrópoles – os quais são aglutinadores e segregadores a um só tempo. Nesse contexto, Teodoro se destacou, pela incrível capacidade de trânsito e mediação social e cultural nos ambientes de metrópoles modernas<sup>4</sup> e afirmação de saberes e tradições populares.

E, em sua vida e obra, desenvolveu atributos de mestre de notório saber<sup>5</sup>; e tornou reconhecido na universidade e na cidade. Na UnB, transitou pelos diversos institutos e departamentos; foi generoso com estudantes e professores, sempre disposto a parar para conversar e compartilhar seus saberes e valores. Entretanto, não chegou a ministrar cursos e palestras na UnB. Mestre Teodoro não chegou a conhecer o INCTI e o auditório com seu nome, nem a transformação da Universidade com o sistema de cotas raciais. E não deu tempo para que viesse a ser um mestre nas disciplinas do Encontro de Saberes na UnB – cuja maioria das aulas é, então, no auditório Teodoro Freire. A partir de 2010, com o Encontro de Saberes implementado no INCTI, sua filha, Mestre Tamatátua Freire, ministrou módulos sobre as tradições do Boi de Teodoro (em 2015, 2017 e 2018) em posição de mestra de notório saber das tradições do Bumba-meu-Boi, com autoridade acadêmica equivalente à de professora doutora em artes integradas.

Este artigo é uma homenagem póstuma ao Mestre Teodoro Freire, uma referência inspiradora para o Encontro de Saberes desenvolvido pelo Instituto Nacional

<sup>4</sup> Sobre trajetória, trânsito, mediação em metrópole, ver Velho, G. 1994.

<sup>5</sup> Sobre o Notório Saber de mestres e mestras das tradições populares, ver Carvalho, J.J. 2020.

de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/INCTI/UnB/CNPq e para o movimento pela construção de uma universidade inclusiva, pluriétnica, plurirracial e pluriepistêmica. Traz aspectos de sua trajetória no território brasileiro e do legado que deixa para sua comunidade, para o Encontro de Saberes, para a UnB, para Brasília e para o Distrito Federal. A escrita deste texto foi realizado em parceria entre a Mestra Tamatatúia Freire, filha e herdeira do legado de Mestre Teodoro Freire, que também é graduada e pós-graduada em História e professora da rede de ensino do DF; e Letícia C.R.Vianna, antropóloga, doutora, pesquisadora no INCTI/UnB.

Todo o trabalho de levantamento documental relativo à trajetória de Mestre Teodoro já havia sido feito sob a coordenação da dupla anos atrás (entre 2013 e 2014), em pesquisa/dossiê para subsidiar o reconhecimento e salvaguarda do Boi de Teodoro como patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal<sup>6</sup>. Parte do texto que se apresenta traz, de forma bem sintética, resultados desta pesquisa; destaca aspectos da trajetória do mestre, a capacidade de trânsito, mediação e concretização de projeto de afirmação de tradições populares em contextos urbanos; e a vivência do mestre dentro da Universidade de Brasília – primeiro como pedreiro e depois como auxiliar administrativo, distribuindo documentos pelos institutos do campus – em um tempo anterior ao Encontro de Saberes. Para completar essa abordagem centrada no mestre, trazemos a perspectiva, em primeira pessoa, de Tamatatiua enquanto filha-aprendiz, herdeira do legado e responsável pela transmissão das tradições trazidas e afirmadas por seu pai no Distrito Federal; bem como a sua atuação como professora e o impacto da participação no Encontro de Saberes, realizado na universidade em que seu pai foi empregado e onde realizou generoso trabalho de fazer com que funcionários, professores, estudantes despertassem para a diversidade e riqueza das tradições

<sup>6</sup> A pesquisa foi realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura FAC-DF, geridos pelo proponente Gunga - Tecnologia de Informações, no sentido de gerar documentação e diagnóstico para balizar a política de salvaguarda deste patrimônio cultural. Foi coordenada pelas autoras e realizada por equipe de 15 pessoas, incluindo brincantes da comunidade do Boi de Teodoro. Realizamos entrevistas com pessoas de referência da comunidade e da cidade, pesquisa documental no acervo da família, acervo documental do Centro de Tradições Populares de Sobradinho, Acervo Público do Distrito Federal, Jornal Correio Brasiliense, monografias, dissertações e filmes sobre Teodoro e seu Boi. Os resultados da pesquisa proporcionaram a caracterização das categorias do INCRC relacionados ao Boi de Teodoro: sítios, lugares, celebrações, formas de expressão, ofícios; bem como a descrição da trajetória de Teodoro. Ver Freire, T e Vianna, L, 2015.

populares do nosso país. Trata-se de uma experiência de combinação de escrita e oralidade transcrita.

### **A Trajetória do Mestre**

Conforme o Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC do Boi de Teodoro (FREIRE e VIANNA, 2015) podemos dividir a trajetória de Teodoro Freire em quatro fases: a infância no interior do Maranhão, a vida em São Luís, a ida para o Rio de Janeiro, a mudança e estabelecimento na nova capital federal. Nasceu em 9 de novembro de 1920, em São Vicente de Férrer, baixada maranhense, área rural. Quando menino, trabalhava na roça e pouco frequentou escola. Sua família não brincava Boi, mas gostava do Tambor de Crioula, e de participar das festas de São Benedito e do Divino. Teodoro foi espectador atento para aprender as tradições populares que vivenciava.<sup>7</sup> Como o costume de onde morava, os pais mandaram o jovem Teodoro morar na capital do estado, São Luís, para trabalhar como moleque de expedientes em uma casa de família. Depois trabalhou como ajudante de pedreiro, ajudante de bar e de quitanda. Foi na quitanda do Mercado da Praia Grande que "aprendeu a ser flamenguista" com os desembarcados dos navios que lá aportavam. Trabalhou, também, em grandes firmas de importação e exportação de produção agrícola.

Em São Luís, olhava e transitava pela cidade, ao mesmo tempo se voltava para o lugar de origem, para o interior, em um "leva e traz" de informações e insumos para os Bois da capital e para os bois de São Vicente de Férrer. Percebia e vivenciava as perseguições que a polícia fazia ao povo negro que brincava o Boi e batia Tambor na capital São Luís. E foi cultivando e aprendendo os detalhes e os fundamentos, adquirindo sabedoria e compreendendo que, para além do prazer das artes do Boi, sua atuação era, e deveria ser, política.

O mundo para além de São Luís se vislumbrava ali, na zona portuária, onde ocorria o trânsito e o intercâmbio com gente de fora que trazia as novidades. Foi lá no porto que conheceu o Clube de Regatas Flamengo e a Estação Primeira da Mangueira –

<sup>7</sup> Para a construção da trajetória do mestre destacamos a brilhante dissertação de mestrado de Sígria Dória, *O Guardião do Rito* (1991), que colheu do mestre, em vida, sua preciosa história e registrou-a de modo magistral – de modo que temos uma fonte rica de informações sobre o mestre. À Sígria, vítima da Covid-19, também prestamos homenagem póstuma.

que vieram a ser suas “grandes paixões” depois do Boi. E a vontade de ir além de São Luís cresceu e ele rumou para o Rio de Janeiro – a capital do país. Migrou da capital do Maranhão para o Rio de Janeiro em 1953, aos 33 anos; como mais um indivíduo na massa dos nordestinos que chegavam lá na condição de assalariados para qualquer função. Foi trabalhar na construção civil como servente e depois foi trabalhar como ascensorista de um prédio no centro da cidade, onde conversava com várias pessoas que subiam e desciam naquele “seu” elevador. De lá foi trabalhar em uma companhia de gás; saiu dali para migrar para Brasília – a nova capital do país.

Quando chegou no Rio, estabeleceu-se em Bonsucesso. Casou-se com D. Maria José. Ambos já tinham filhos de outras relações e, juntos, formaram uma extensa família que proliferou em filhos comuns, netos e bisnetos nascidos em Brasília. Morando no Rio, frequentou reuniões do embrionário movimento negro, além dos treinos e jogos do Flamengo e ensaios e desfile da sua Mangueira. Tratou de arrumar uma turma de maranhenses estabelecida no mesmo bairro e formou uma trupe que trazia as referências culturais do Maranhão através do Boi e do Tambor de Crioula. Teodoro juntou os vizinhos maranhenses para as brincadeiras e cada um ia trazendo suas memórias dos Bois que conheciam; e, assim, foi constituído um espaço de socialização, de vivência coletiva, não necessariamente comunitária, talvez em rede, a partir de referências individuais de pessoas de diferentes localidades do Maranhão. Criaram laços de solidariedade que os fortaleceram como grupo identitário na metrópole – tão diversificada em *ethos* de migrantes dispersos na massa de anônimos. Saíram com um boi no carnaval de 1955.

O “Boi de Teodoro” efetivamente nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, com caráter de “espetáculo folclórico”, deslocado do tempo e espaço usual das tradições maranhenses. A partir de então, apresentaram-se em 1956, 57, 58, 59 e 60. A conjuntura era favorável para todas as manifestações populares de caráter cultural identificados como “folclore”. A condução do Presidente Juscelino Kubitschek era flexível e a polícia não os perseguia. Participaram de festas oficiais como as Festas da Penha e no Estádio do Maracanã e foram convidados a viajar para se apresentarem no aniversário de São Paulo. Como observa DÓRIA (1991):

A atividade do grupo que formara o Bumba-meu-boi passa a merecer a atenção das instituições ligadas à preservação e apoio das chamadas manifestações folclóricas. É legítimo conjecturar-se sobre a ação de Teodoro como empresário do seu grupo no estabelecimento das relações com personagens destas instituições, tanto que Édison Carneiro, então diretor executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro já conhecia Teodoro Freire, e lhe amplia a área de atuação: [autora citando Teodoro] 'em fins de março de 1961, nós recebemos um convite no Rio de Janeiro, através do Dr. Édison Carneiro, que o Dr. Ferreira Gullar desejava conversar comigo. Então o Dr. Édison me levou ao Jornal do Brasil, na Av. Rio Branco e de lá, pelo telefone eu falei com Ferreira Gullar aqui em Brasília. E ele me convidou para trazer o grupo de Bumba Meu Boi no primeiro aniversário de Brasília. Visto que ele ia trazer uma parte da escola de samba Mangueira e queria trazer outro grupo popular. Então nós aceitamos o convite, organizamos o grupo e no dia 20 de abril, nós deixamos o Rio de Janeiro com destino à Brasília (Dória, 1991, p. 108/9)

E, ao aterrissar de avião com seu Boi em Brasília – a nova capital do país, junto com a bateria da sua querida Mangueira, provavelmente ele já tivesse em mente a importância daquele fato para o que viria depois em sua vida. Erudito que era, Teodoro Freire constrói argumento sobre sua trajetória e sobre a cultura brasileira com os mesmos referenciais ideológicos e simbólicos que representantes dos segmentos da elite intelectual da sociedade brasileira usam para a construção de seus argumentos em defesa do folclore: as tradições populares de todo o país – o folclore – como formadoras da identidade nacional. Participou da festa com sua trupe e, de volta ao Rio, retoma a sua rota de migração. Deixa mulher e filhos no Rio, deixa o Boi, e segue sozinho para Brasília, em 1962 – para arrumar as coisas e, depois, trazer todo mundo. E assim ele fez. Em Brasília foi trabalhar na chácara de um deputado maranhense chamado Antônio Dino. Da chácara, transitou em trabalhos e moradias provisórias até que conseguiu se estabelecer em Sobradinho, cidade do Distrito Federal contígua a Brasília – que recebia candangos (migrantes trabalhadores) de vários estados do Nordeste, sobretudo maranhenses. Em 1962 foi admitido como pedreiro para a construção da Faculdade de Educação e posteriormente foi incorporado como funcionário da administração da UnB, onde permaneceu por 28 anos.

A vontade de Teodoro de botar o Boi em Brasília era grande. E, com o apoio do velho amigo Dr. Dino, no dia 21 de junho de 1963 foi de manhã para o Rio. Pegou todos os petrechos, indumentárias e instrumentos; e no dia 22 aterrissou de volta em Brasília. Já havia algum "material humano" para tocar aquilo tudo e o Boi saiu no dia 23, dia de São João; no dia 24 se apresentou na UnB; no dia 25 no Clube Caça e Pesca; no dia 28

no Cota Mil; dia 29 na Rodoviária. E o Boi de Brasília se fez! Em 1963 trouxe a família extensa que então se ampliou.

Encontrou um campo de possibilidades<sup>8</sup> favorável para trabalho formal na condição de assalariado, pois a cidade e o Distrito Federal estavam em construção e crescimento. Era também favorável para o estabelecimento de suas tradições e sua missão, tendo em vista que o governo apoiava a expressão das tradições regionais das levas de migrantes de diversos pontos do país, que restauravam as suas referências na adaptação à capital modernista. O seu projeto confluía, assim, com o projeto de intelectuais que estavam envolvidos no projeto político à época, como Edison Carneiro (Presidente da Campanha de Defesa do Folclore Nacional), Ferreira Gullar (Diretor da Fundação Cultural do DF), Darcy Ribeiro (Reitor da Universidade de Brasília), o Deputado Antônio Dino, professores, intelectuais, os jovens estudantes, políticos nacionais e locais. Estes o apoiaram e favoreceram que seu projeto se consolidasse; e Teodoro ajudou a consolidar o projeto do Movimento de Defesa do Folclore Brasileiro<sup>9</sup>, e o projeto de uma nova capital como cidade de todos os brasileiros e brasileiras.

Em 1963 o Deputado Antônio Dino conseguiu que o Governo do Distrito Federal lhe destinasse a gestão do Centro de Tradições Populares de Sobradinho - um terreno amplo, na Quadra 15 de Sobradinho, para sediar a difusão das tradições populares do Maranhão na nova capital: o Boi, o Tambor, quadrilhas, celebrações do Divino Espírito Santo e São Sebastião – missão que ficou a cargo de Teodoro e seu grupo. Teodoro teve expediente e conseguiu recursos para a construção do “barracão” com a Fundação Cultural do DF e parceiros amigos. Teodoro levou seu compromisso, ou projeto, a ferro e fogo, arregimentou muita gente, não só do Maranhão, para manutenção das brincadeiras do Boi e do Tambor, do CTP e fazer representar a cultura de seu estado. Conforme a sua narrativa, o patrono do Boi é o deputado Antônio Dino e os fundadores responsáveis, com ele, Raimundo, Chico e Ribamar.

Teodoro trouxe e proliferou uma extensa família em Brasília. E, por conta do Boi, ele arregimentou gente de toda parte, com ou sem as habilidades necessárias na confecção de indumentárias, instrumentos, adereços, na composição e execução musical, bailados e dramatizações – um conjunto complexo de saberes. E com grande

<sup>8</sup> Sobre *ethos*, projeto de vida, campo de possibilidades, ver Velho 1994

<sup>9</sup> Sobre o Movimento de Defesa do Folclore Brasileiro ver Vilhena, 1997.



sabedoria acumulada ia ensinando ou aperfeiçoando as pessoas, a partir de uma pedagogia muito própria de transmissão dos muitos detalhes e fundamentos da performance e celebração. Exigia rigor e disciplina de todos. E assim se fez o maestro de uma grande trupe de artistas – responsáveis por performance da mais alta qualidade estética, poética e sintética de um universo cultural significativo e representativo de um segmento social relevante na configuração da população do Distrito Federal.

Além do papel de mestre de ofícios e funções, maestro de um coletivo de artistas, foi mediador entre este mundo de tradições populares e o mundo oficial dos políticos e intelectuais de elite que atuavam no campo da defesa do folclore. Também teve relevante função no recrutamento de migrantes para os trabalhos assalariados na construção e consolidação do Distrito Federal. Arregimentou principalmente maranhenses que chegavam com o compromisso de participar no seu Boi (mesmo que não necessariamente brincassem o Boi no Maranhão) com a contrapartida de Teodoro conseguir trabalho e moradia para as famílias. Foram três fluxos migratórios identificados na sua narrativa, registrada por Sígla Dória (op.cit), em que Teodoro se esforçou para colocar os conterrâneos no mercado de trabalho: na primeira metade dos anos 60, segunda metade dos anos 80 e nos anos 90.

Nos primeiros anos na nova capital encontrou um ambiente favorável e estimulante para a cultura das tradições maranhenses. Eram realizados festivais, onde eram trazidos grupos e expressões de todos os estados e os cidadãos locais se reconheciam e se motivavam a se representar, mesmo que de modo estilizado no espaço da vida urbano. Naquele começo foram implementados centros de referências como as casas do Ceará, do Maranhão, do Rio Grande do Sul, e grupos de tradições como o de Teodoro. Só o núcleo de Teodoro se sustentou até os dias de hoje.

[...] no início de Brasília havia um grande interesse que tivessem grupos populares de todo o território nacional. Então, isso nos deu coragem de fazer também um Bumba Meu Boi. E o Bumba Meu Boi foi vivendo junto com outros grupos de Brasília. Havia vários grupos de todo o território nacional. Depois, com o desinteresse das autoridades culturais os grupos foram se dispersando, foram acabando, porque isso dá um pouco de trabalho". (DÓRIA, 1991, p. 144).

Com o golpe militar de abril de 1964, o ambiente se modificou. A UnB já não era um lugar seguro para a interlocução, busca dos recursos e apresentações. Os

professores amigos ou estavam cassados ou foram silenciados; assim como os estudantes e funcionários. Sua narrativa colhida por Dória (op.cit) traz que 1968, 1969 e 1970 não foram nada fáceis e o Boi quase não saiu. No governo do Distrito Federal e no governo federal eram outras as pessoas a tomarem as decisões, mas Teodoro não esmoreceu e seguiu sua missão, buscando interlocução no governo e na universidade. Através de sua habilidade de mestre, limitado pela subalternidade estrutural da sociedade abrangente, batalhou e encontrou caminhos para consolidar seu projeto.

O Dr. Darcy [Ribeiro] e Ferreira Gullar, já tinham saído de Brasília, e muitas outras pessoas... mas depois foram aparecendo mais pessoas, como o próprio José Sarney, que na época era deputado, tinha grande interesse que essa cultura se mantivesse aqui. E ele mesmo mandou recursos materiais e financeiros do estado do Maranhão, para que se desenvolvesse esse trabalho. (Dória, citando Teodoro, 1991, p. 143).

### **O legado de um Mestre**

O maior compromisso de Teodoro não era projeção e destaque individual, mas assegurar o bem-estar, moradia e emprego do povo que arregimentava para seu Boi. Ele realizou seus ideais, constituiu seu grupo e demarcou o território das tradições populares do Maranhão em Brasília e no Distrito Federal. Transitou em vários mundos e argumentou com vários personagens relevantes na história recente do país. Sobreviveu com sua trupe à ditadura militar, e se adaptou aos governos eleitos de divergentes ideologias e *práxis* políticas. Embora Teodoro seja a figura central, o catalizador e arranjados de todos os esforços, este *mundo*<sup>10</sup> não pode ser compreendido como produto exclusivo do gênio de Teodoro, mas uma criação coletiva, orquestrada por um maestro eficiente para a harmonia da interação de diferentes atores.

Nesse processo de construção e consolidação do Bumba Meu Boi em Brasília e DF, Teodoro Freire foi um sábio maestro visionário catalizador de várias habilidades nas artes das performances; uma liderança com carisma e autoridade organizadora de uma extensa rede para além de uma rede familiar. Transitou à esquerda e à direita política, formou uma extensa rede de colaboradores, composta por diferentes pessoas no campus da UnB, nos gabinetes de parlamentares, entre estudantes, funcionários

<sup>10</sup> Sobre o conceito de *mundo* nas artes, ver Becker (1982)

públicos, jornalistas, pesquisadores e artistas, levando sua trupe com seus ideais; e assegurando os recursos para o brilhantismo das performances, para sustentação e motivação de um coletivo.

Teodoro ajudou a construir Brasília, mas não veio morar nela<sup>11</sup>. Se estabeleceu no que se chamava na época de sua chegada de “cidade satélite”. Junto com outros candangos maranhenses – e de outras partes do país que ao grupo se agregaram – mobilizaram forças, recursos e amigos para “brincar o boi”, como uma espécie de mecanismo de construção de lugar de sociabilidade, criação, trânsito, poder, liberdade para a reconstrução de identidade coletiva destacada da identidade niveladora de classe subalterna. A história do Bumba Meu Boi do Seu Teodoro revela mobilidade espacial no território brasileiro, mas mobilidade social restrita em contexto metropolitano, hierarquizado, classista, racista e excludente. Por um lado, vemos o extraordinário esforço sociativo para mobilização social por meio da criatividade e estratégias de manutenção de saberes, práticas e laços identitários. Por outro lado, vemos que esse potencial imenso é barrado pelo limite imposto pela hierarquia das artes e saberes estabelecidos estruturalmente pelos mecanismos oficiais de reconhecimento e promoção. Apesar do apoio dado pelos amigos e poderes públicos, ele e a trupe não ascenderam socialmente enquanto artistas que são. Seus saberes e suas artes não foram reconhecidos além de “folclore”, com atenção e recursos parcos e instáveis; e muito aquém dos merecidos – quando comparados aos recursos destinados aos diretores ou maestros e suas companhias para os espetáculos cênicos, coreográficos, musicais, voltados às camadas médias e elites. Apesar da complexidade e beleza do que fazem, no geral não furaram a bolha para além da classe média baixa, moradora das outras cidades do DF, longe de Brasília – a capital modernista.

Como honraria, Teodoro recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília em 2011, ainda em vida. E, também, o Bumba Meu Boi recebeu o título de Patrimônio Cultural do DF. Entretanto seu território, no CTP, não tem a titulação definitiva; e não

<sup>11</sup> O Distrito Federal tem 35 Regiões Administrativas, que compreendem o Plano Piloto de Brasília, alguns bairros e dezenas de cidades: uma cidade de ocupação muito antiga, anterior à Brasília - Planaltina; outras cidades construídas junto com a nova capital, como Sobradinho. E outras, ainda, configuradas em momentos mais recentes da história do DF. Nenhuma delas seguiu os conceitos e parâmetros do Plano Piloto, utopia urbana modernista, e cresceram no modo tradicional do urbanismo, com plano diretor executado de modo um tanto caótico – típico no liberalismo econômico regulado pelo mercado, com configuração do espaço refletindo e afirmando desigualdades de classe e exclusão sociocultural.

são dadas garantias de estabilidade e da salvaguarda desse patrimônio pelos poderes públicos para a sustentabilidade de sua obra coletiva. A cada ano surge uma nova incerteza sobre se tudo vai sair como se deve, se haverá todo o recurso necessário para as apresentações, festas e celebrações. Não são poucos os custos envolvidos com a produção e reprodução social de uma manifestação cultural popular; e existe um gasto e investimento significativo de recursos financeiros e humanos necessários para a manutenção e salvaguarda deste patrimônio. Mesmo com os apoios e patrocínios conseguidos, sempre há dispêndio – que é dividido pelos detentores brincantes. E tem sido crônica a instabilidade e dificuldade de manutenção do padrão e modelo de excelência que o mestre Teodoro instituiu.

Desde o começo da década de 2000, Teodoro foi transmitindo seus conhecimentos e contatos para seu filho mais novo, Guarapiranga Freire, o Guará, com o intuito preciso de deixar um sucessor que mantivesse seu legado institucional e que desse continuidade ao Boi. Em 2009, Guará assume a presidência do Centro de Tradições Populares e a direção do Boi, ainda sob a supervisão de Seu Teodoro, processo que se estendeu até o falecimento do mestre, em 15 de janeiro de 2012. E, hoje, junto com a irmã, Jacy Freire, assumem o desafio permanente da gestão para a continuidade da obra – do projeto pessoal que sempre foi coletivo – pelos herdeiros consanguíneos e afins. Estes, agora, não têm o carisma e maestria fundada na figura central de Teodoro, mas comungam da solidariedade, do sentido de serem um coletivo com uma identidade – detentores de um capital simbólico valioso para eles, para Brasília e Distrito Federal. Ali, cada um é sabedor que tem em mãos a missão individual em um projeto coletivo de dar conta de um pouquinho do todo, sem perder a grandiosidade do conjunto, do legado do mestre, que se faz imortal na permanência de sua obra.

\*

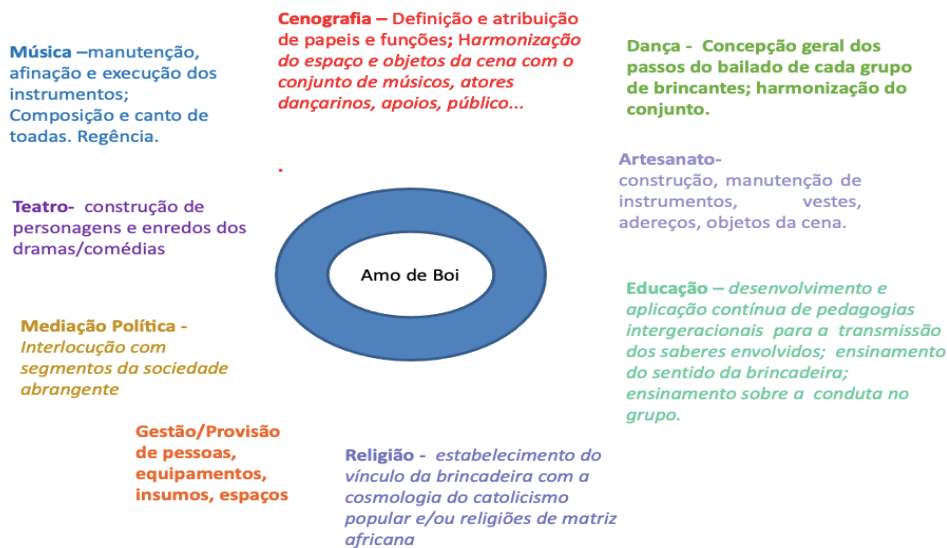
Mestre Teodoro faleceu em 2012; não chegou a conhecer o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/INCTI e o auditório com seu nome. Não acompanhou a transformação da Universidade com o sistema de cotas raciais; e a presença de mestres com a implementação do Encontro de Saberes. O Projeto Encontro de Saberes nas Universidades Brasileiras foi implementado em 2010, pelo INCTI, a partir da UnB.

Embora não tenha participado concretamente, Mestre Teodoro é inspiração permanente para o Encontro de Saberes. Este movimento tem promovido o reconhecimento do notório saber dos mestres e mestras dos saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares), incluindo-os como docentes em disciplinas regulares das universidades públicas e como membros de grupos de pesquisa, processos de orientação e participação em bancas acadêmicas. Iniciado na Universidade de Brasília; o projeto até setembro de 2023 já se expandiu para 20 universidades brasileiras. Trata-se da inclusão epistêmica em uma universidade monoepistêmica, eurocentrada, que promove um movimento da pluriversidade epistêmica no ambiente acadêmico, considerando o imenso saber acumulado em diversas cosmologias e tradições culturais, até então destituídas de autoridade acadêmica, mas absorvidas enquanto fonte de informação – objeto de pesquisa: as culturas indígenas, de matrizes africanas sobretudo<sup>12</sup>.

Na perspectiva da teoria e práxis do Encontro de Saberes, Mestre e Mestra dos saberes tradicionais populares acumulam quatro dimensões básicas de conhecimento e podem ser definidos como: 1) aquele/a que pesquisa, aprende, desenvolve conhecimento espiritual, abstrato, técnico e tecnológico em várias áreas do saber e do viver – transdisciplinaridade, polimatia, 2) aquele/a que ensina – professor/a, 3) aquele/a que exerce a liderança comunitária, porta-voz, mediador/a de mundo sociais e políticos. 4) aquele/a que tem ascendência e reconhecimento do coletivo, sábio/a, conselheiro/a, encarnação da autoridade em os planos. Nesses termos, Teodoro Freire é um mestre das tradições por excelência, compreendendo todos esses atributos. A complexidade de seu saber e habilidades inspiram a identificação e compreensão desses atributos que, no seu caso, foram desenvolvidos em contexto de trânsito e afirmação dessas tradições em ambientes de metrópoles de alta complexidade, desigualdade e conflito. A polimatia de seu saber inspirou o diagrama-modelo da transdisciplinaridade de maestria nas artes tradicionais populares, a partir do tipo ideal *mestre amo de boi* – desenvolvido no âmbito dos estudos para a teoria e método do Encontro de Saberes, como pode ser observado em CARVALHO e VIANNA (op.cit.).

<sup>12</sup> Sobre o Encontro de Saberes ver Carvalho, José Jorge e Vianna, Letícia C.R. 2020.

### Modelo de Polimatia - Artes das Performances Tradicionais



Em edições do Encontro de Saberes na UnB (2015, 2017 e 2018) sua filha - Tamatátua Freire – Mestra Tamá – e Mestre Gilvan do Vale (nas edições de 2015 e 2017), herdeiros do legado de Teodoro, ministraram disciplinas sobre artesanias da indumentária dos brincantes, dos instrumentos, do couro e estrutura do Boi, das danças e músicas – finalmente em posição equivalente ao de professor de autoridade acadêmica. E a seguir, apresentamos uma narrativa de Tamatatiua Freire, filha-aprendiz, herdeira do legado e responsável pela transmissão das tradições trazidas e afirmadas por seu pai no Distrito Federal.

#### O Legado de Tamá

Eu sou Tamatatiua Freire, filha de Seu Teodoro. O meu aprendizado com ele começou nas caminhadas que eu fazia com ele, andando até o Barracão. Eu estou aqui no Barracão; e grande parte de minhas memórias estão aqui dentro. Eu, desde pequena, vinha com ele. Ele falava que vinha para o Barracão e eu vinha com ele. Ele chamava Barracão isso que hoje é o Centro de Tradições Populares de Sobradinho.

O que ele me ensinava era amar a nossa cultura. Isso ele ensinava em casa. Ele vinha conversando e dizia que parecia que as pessoas não gostavam da cultura do país. Mas que ele fazia esse trabalho; e que queria que a gente também gostasse. Então ele ensinava. Ele ensinava o trajeto de como chegar; e quando a gente chegava aqui no

barracão, ele mostrava tudo, como é que a gente deveria fazer. A gente tinha que chegar sempre primeiro, antes dos brincantes chegarem, para deixar tudo organizado. Ver quem vai pegar a madeira para fazer a fogueira; deixar os pandeiros já organizados para que os couros fossem esquentar na fogueira; deixar as matracas e os maracás organizados. E ele ensinava a tocar os instrumentos, matraca, maracá, os pandeiros. Ensinava como dançar. E aí, aos poucos ele ia ensinando tudo; e eu caminhava muito com ele e fui aprendendo.

O meu primeiro momento no Boi foi como índia; quando ele mudou do *sotaque de zabumba* para o *sotaque da baixada*<sup>13</sup>. Vieram do Maranhão o Zé Diniz, o Bidô e o Antônio Costa. As filhas de Seu Antônio Costa já brincavam com ele lá no Boi de Pindaré, no Maranhão. E eu, então, fui com elas as primeiras índias, junto com a Mônica, filha de Chico Vovô. Eu aprendi a dançar como índia com elas. O mais importante desse aprendizado era não faltar ensaio. Em todo ensaio tínhamos que estar presentes. A diversão sempre ficava para depois do ensaio. Isso ele me ensinou. E eu me encantava com as toadas, com os cantadores. Eu tinha muita admiração por eles: Lourival, Seu Raimundo, Francisco...eles tiravam umas toadas que pareciam sair do fundo do baú. E a gente cantava! Desde a saída do ônibus para as apresentações e na volta. Era muito animado. Eu passava a semana inteira esperando. Tinha que estudar; e quando chegava sexta feira eu já ficava pensando como seria o ensaio ou a saída do Boi.

E fui aprendendo também as ladainhas com as rezadeiras. Antigamente, Sobradinho era uma cidade muito católica, e elas sempre eram convidadas para ir nas casas que faziam novenas para São João; e pediam ao meu pai para eu ir. E eu fui aprendendo também esse lado de como manejar com as ladainhas. E nas missas eu gostava muito de cantar, decorava os textos do caderninho do catecismo. E isso me

<sup>13</sup> A cultura do Boi no Maranhão é bastante intensa e diversa nas localidades rurais, pequenas e médias cidades e na capital São Luís. Embora seja mais visível, para quem não mora no Maranhão, o ciclo junino de festejos envolvendo as brincadeiras do Boi, essas brincadeiras se dão e mobilizam as comunidades ao longo de todo o ano, seguindo os ciclos celebrativos de cada família e do calendário anual relevante em cada lugar. A diversidade de expressões é notável em todo o estado. Existem algumas características que distinguem as expressões típicas em localidades, municípios – que quando migradas e recriadas em São Luís foram estilizadas como 5 *sotaques*: matraca, zabumba, orquestra, costa-de-mão e baixada – cada qual com especificidades bem definidas em termos de andamentos e canto das toadas, instrumentos, arranjos, indumentárias, personagens e bailados. O caso narrado por Tamá mostra a mudança do sotaque cultivado no Boi de Teodoro em um dado momento na década de 1970; e a sua iniciação como bailarina-índia – especificidade do sotaque da baixada (maranhense), cultivada no Boi de Pindaré de São Luís.

ajudou muito. E quando eu completei 15 anos e estava acompanhando as rezadeiras, elas saíram de Sobradinho porque estava muito difícil o aluguel; e eu fui ficando como responsável. No início eu tinha muito medo de errar as ladainhas, mas meu pai ficava ali no altar ... eu olhava assim de lado e ele fazia um sinal de que estava tudo bem, que eu podia continuar. E aos poucos eu fui me envolvendo mais.

Aprendi a cuidar. Cuidar do lugar. Limpar com cuidado, não pegar qualquer pano para limpar o santo... tudo isso ele foi ensinando. E eu fui me envolvendo. E no Boi eu deixei de ser índia e fui para o cordão; depois fui brincar com a matraca – e aí eu achei que não tinha o compasso de dançar, cantar e tocar matraca; e que tinha mais facilidade com o maracá. E é esse o instrumento que eu uso até hoje. Aprendi também com Chico Vovô a raspar pandeiro. Aí, quando meu pai comprava os couros ele dizia assim: “Tamá, eu já comprei os couros. Tu vais lá no Chico Vovô para ele cobrir os pandeiros e você pega para raspar”. Essa é uma atividade que eu achei interessante. Eu me sentia muito mais participante do grupo quando eu ajudava a organizar. Eu não queria só chegar no ensaio para ensaiar. Eu queria fazer algo mais. E fazia de tudo ... fui misturando tudo – a minha vida de estudante com as brincadeiras do Boi. Até que chegou um dia que eu estava vindo do ensaio e no meio do caminho eu tive uma ideia de toada – que nem lembro hoje – e fui fazer uma homenagem para ele, que foi do Maranhão para o Rio de Janeiro e de lá para Brasília; eu sei que cantei e ele gostou muito! E disse: “Ah! Tamá, agora você vai fazer também toada do Boi”.

E isso foi uma coisa interessante, porque só os homens faziam toadas aqui no nosso Boi. Se outras mulheres faziam, elas não se apresentavam com essas toadas. E eu comecei a compor essas toadas também; e passei a formar o grupo dos cantadores do Boi. E com esse aprendizado meu, eu comecei a ser chamada para atividades, ora era uma palestra, ora era uma apresentação. Eu ia com ele também, quando podia. Desde menina eu gostava de cantar, imitar as cantoras. Passei a compor e cantar toadas de boi; e, também, por influência de meu tio e da família – que é muito musical, com muitos músicos – fui entrando no mundo do samba, como cantora e compositora sobretudo de samba enredo para escolas de samba aqui do DF, como Bola Preta de Sobradinho e Acadêmicos da Asa Norte de Brasília. Fiz carreira, consegui emplacar alguns sambas para os desfiles – e acabei também me consagrando no mundo do samba aqui do DF como Jamelinha da Mangueira!



Muito tempo depois que meu pai havia falecido, me veio o convite para o Encontro de Saberes. Eu fui com Gilvan, com Elton, com Wagner levar os saberes do Boi e do Tambor de Crioula para a UnB. No começo dava uma ansiedade, porque na universidade a apresentação é sob outro olhar. E depois eu fui de novo, dar aulas junto com Gilvan; e depois, no terceiro ano em que fui convidada, fui com minha filha de assistente! Nessa edição fomos apresentar as toadas e os passos da dança; era ao ar livre e as pessoas ficavam passando para lá e para cá ... nos caminhos que meu pai percorria quando era funcionário lá. Eram muitos alunos, e eles davam muita força, enchiam meu orgulho porque eles queriam aprender.

Nunca imaginei ser chamada de mestra; é um trabalho que valorizo muito. E vou seguindo, sendo convidada para participar de outros projetos. Isso me agrada muito. Pertencer ao Boi e continuar essa trajetória de Teodoro com o Boi. E surgiu um projeto que meu pai sonhava muito, que foi trabalhar com o Boi nas escolas – como o Encontro de Saberes na universidade. É projeto da Rosa dos Ventos chamado Tradição e Educação, realizado junto às escolas públicas aqui no DF. Já está na terceira edição, e a participação de 60 escolas até agora. Então eu sou professora em escola pública há mais de 20 anos, e fui convidada para ser a Coordenadora Pedagógica desse projeto. Os alunos vão ao Centro de Tradições Populares de Sobradinho e ouvem as palestras, participam das vivências em oficinas, aprendem a história, a cantar, a tocar, a dançar. E, também, sob muito controle e cuidado – porque são crianças e adolescentes – conseguimos realizar uma oficina com Gilvan e minha sobrinha de bordado de couro de boi (foi mais uma simulação de bordado para as crianças). E no final tiveram a surpresa de receber um boi com o couro que bordaram, para levar para a escola como lembrança da participação no projeto. Então eu faço as palestras sobre a Memória e a Tradição do Boi de Seu Teodoro no Distrito Federal – o Boi já tem 60 anos e é declarado patrimônio cultural do DF.

A minha participação no Encontro de Saberes me ajudou a amadurecer a proposta de pedagogia das tradições populares no ensino formal que pus em prática nesse projeto da Rosa dos Ventos. Mesmo eu tendo muitos anos de sala de aula, para esse projeto com escolas foi muito importante ter experimentado levar os saberes populares para a universidade não só como tema, mas como proposta pedagógica diferente, interdisciplinar, envolvendo história, música, dança, artes visuais. Então as

experiências de ser professora do ensino fundamental e de ter ido como mestra à universidade me proporcionaram as ideias do projeto pedagógico para desenvolver com os estudantes na sede do Boi.

Então recebi esse legado de cuidado, de salvaguarda dessa tradição. Cuidar dos espaços, dos objetos. Mas também cuidar das pessoas – porque não adianta fazer só um brinquedo, uma brincadeira, se você não cuidar de quem faz essa brincadeira. É preciso ter aquele olhar, mais carinhoso, mais atento. O nosso grupo tem muitas pessoas já idosas, crianças, jovens. Cada família que vem, vai trazendo os seus. Se você brinca e acha bom, você mostra para os seus familiares e amigos; e mostra também nos espaços enquanto cidadão.

Eu acredito que o legado de Teodoro – se ele fosse mestre do Encontro de Saberes ele ia falar exatamente o que falava para a gente em casa – que a gente precisava amar o Brasil, amar o Maranhão. Ele ia contar muitas histórias, porque ele era um exímio contador de histórias. Quem o ouvia pela primeira vez, não queira mais sair de perto de Teodoro. Muitos servidores da UnB lembram de quando ele trabalhava lá, o tanto que ele fazia o serviço dele, também tinha muitas histórias para contar. Ah! ele ia influenciar muito mais gente do que ele influenciou. Ele ia ficar fascinado pelo Encontro de Saberes, com essa valorização das culturas tradicionais na universidade – era o sonho dele!

### **Referências Bibliográficas**

BECKER, Howard S. **Arts Worlds**. California, University of California Press, 1982.

DÓRIA, Siglia Z. **O Guardião do Rito**. Dissertação de Mestrado, Brasília, Dept.

Antropologia (DAN), UnB, 1991.

CARVALHO, José Jorge. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. 52o Festival de Inverno da UFMG, Belo Horizonte. **Ensaio Mundos Possíveis**, Belo Horizonte: DAC/UFMG, 2020. p. 1-18.

CARVALHO, José Jorge e VIANNA, Leticia C. R. (2020). O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma Síntese dos Dez Primeiros Anos. In **Encontro de Saberes; Transversalidades e Experiências**. *Revista Mundaú*. N.9. V1. UFAL. 2020.

FREIRE, Tamatatiua; VIANNA Leticia. **Texto de apresentação ao INRC do Boi de Teodoro – FAC- DF**. Gunga Produções. Brasília, 2015.

IPHAN. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**. Dossiê do registro como

Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1961. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

